

30
anos

**TEATRO INDEPENDENTE
DE OEIRAS**

No ano em que o **TIO** comemora 30 anos não podia deixar de relançar alguns dos sucessos que fizeram história nesta companhia e que marcaram, indubitavelmente, o percurso artístico do **TIO**.

Algumas peças marcaram profundamente o repertório do **TIO** e dos seus artistas.

De entre as 68 produções, destaco: "H2M1"; "A Gaiola das Malucas"; "Os cómicos vêm aí"; "O Gato"; Escola de Bruxas"; "Hotel Casarão"; o Meu Caso" e "O Costa de África."

Mas há uma que se destaca ainda mais: **Aqui há Fantasma**s. Porquê?

Porque, há alguns anos atrás, na sequência de um outro espectáculo do mesmo autor, tinha consolidado uma relação pessoal com o autor e actor Henrique Santana. Não tirando qualquer mérito próprio ao seu talento há que realçar ser filho da figura maior do teatro e cinema português: Vasco Santana, que, conjuntamente com outras figuras do seu tempo deixaram um legado que dificilmente será suplantado.

Tirando este à parte, **Aqui há Fantasma**s, deu-me igualmente a oportunidade de privar, em sua casa, e contracenar no palco, com uma Senhora (com "S" bem

maiusculo) no teatro e na vida: Maria Helena Matos Santana, também ela filha de um dos maiores vultos do teatro e cinema português – Maria Matos.

Recordo com muita saudade esses inesquecíveis momentos e, na minha casa e no **TIO**, guardo fotografias conjuntas e uma dedicatória que tive o privilégio de receber.

Esta peça marca ainda um momento crucial na história do **TIO**. A companhia tinha acabado de, no ano de 2000, fazer 10 anos. Assinalando esta efeméride, uns meses antes, o presidente Isaltino Morais tinha avançado com o desafio de nos dar casa nova e própria (teatro onde nos encontramos actualmente desde 2005).

O próprio presidente Isaltino Morais entrou neste espectáculo como actor em duas cenas previamente gravadas e absolutamente hilariantes.

A acrescentar, um elenco artístico memorável.

Curiosamente e por mera coincidência, o papel da enfermeira Amélia, foi e é interpretado por uma actriz brasileira. Há coisas impressionantes!

O saudoso Cmte Orlando Junça, um amigo comandante da Marinha Portuguesa feito, pelas nossas mãos, um actor

talentoso, deixa nesta peça a sua marca inolvidável. Já nos tinha brindado, anteriormente, com a sua mestria em outras duas peças.

Este espectáculo por nós produzido, tem ainda a particularidade de ter sido acolhido no teatro Armando Cortez – Casa do Artista - em fevereiro de 2002 para uma temporada onde Maria Helena Matos Santana, brilhou quer o espectáculo quer as nossas almas de artistas sedentas de mestria.

Jamais esquecerei o serão em casa de Maria Helena, onde tentei convencê-la a fazer o papel que interpretou nesta peça, três décadas antes e de forma magistral, ao lado do seu marido Henrique Santana e de Armando Cortez, António Feio, Henrique Santos, Carlos Quintas e José Raposo, entre outros.

Não posso deixar de referir que, para além de tudo anteriormente mencionado, o papel de desempenhei nesta peça nas suas duas temporadas – uma em Oeiras, outra na Casa do Artista - foi um dos que mais gozo me deu fazer.

Por fim, não menos importante mas antes pelo contrário, com uma carga simbólica absolutamente exacerbada de emoção, este *remake*, marca o regresso aos palcos de um

Amigo, Companheiro destas e de outras lutas, Actor talentoso e nato, que outras guerras fizeram afastar-se do palco mas nunca da sua casa artística que é o **TIO**. Falo naturalmente do emblemático Vitor Coelho. Obrigado Vitor.

Esta é a receita pela qual elegi, conjuntamente com a peça “O Meu Caso”, o **Aqui há Fantasmas** como representante de um passado que muito nos orgulha e de um período determinante para aquele que veio a ser o futuro do **TIO**.

É uma homenagem ao nosso passado, a todos quanto connosco trabalharam, ao Teatro Português, aos grandes nomes que fizeram o original e a um grande elenco que hoje em 2020, no **TIO** se apresenta ao público.

É também um legado às gerações mais novas (quer artistas, quer público) como forma de cultivarem e preservarem os ícones do teatro português.

Nesta folha de sala, mais à frente, recupero os textos que Maria Helena Matos Santana e Carlos Quintas escreveram no programa deste espectáculo na sua versão de 2001, feita pelo **TIO** , estávamos nós com residência artística no auditório Eunice Muñoz.

2020

Não queria acabar sem fazer uma referência ao ano de 2020 - O ano atípico das nossas vidas.

O que quer que se possa dizer acerca desta malfadada e complicada situação que todos experienciamos, quer seja obra da natureza ou com uma humana mão maldosa, a realidade é que apesar de nos ter obrigado a um novo paradigma de vida, o **TIO** continuou na persecução dos seus objectivos: produzir mais e melhor.

Obrigados a encerrar durante dois meses e meio e, dessa forma, impossibilitados de cumprir com a agenda para 2020, a produção do musical infantil passa para o primeiro mês de 2021. Tinha, antes, estreia para dezembro de 2020. À data da redação deste texto, confesso que tenho a consciência que, mais do que nunca, os planeamentos da agenda programática do **TIO** são, cada vez mais, suscetíveis de incerteza. Estamos a entrar na segunda fase da pandemia.

Seja como for, o que quero sublinhar, é que mesmo sendo este um ano atípico o **TIO** registou, em 2020, o maior número de artistas e técnicos a quem deu trabalho. Esta foi a forma que encontrámos para ajudar quem mais sentiu na pele os efeitos nefastos do confinamento

pandémico. Sendo talvez, mais correcto: esta foi a forma que encontramos para ajudar um dos grupos profissionais que mais foi penalizado – os artistas e técnicos de espectáculos.

Não teria sido possível sem o apoio incomensurável da Câmara Municipal de Oeiras, de todo o seu executivo e em especial do seu presidente Isaltino Morais. Todo este elenco autárquico soube, uma vez mais, estar à altura dos desígnios expectáveis face a uma situação trágica e inesperada.

Um obrigado muito especial: à resiliência dos artistas, criadores e técnicos; à CMO e a todos quantos, nela, directamente contribuem para a sustentabilidade do projecto artístico do **TIO**; ao SIMAS de Oeiras e Amadora, à CP, ao Jornal Correio da Linha, à Leroy Merlin; e ao público que teima em ser nosso fã.

Oeiras, 29 de setembro de 2020

Carlos d' Almeida Ribeiro

Director do **TIO**

Texto Maria Helena Matos Santana escrito para o programa deste espectáculo na versão de 2001 produzido pelo TIO

Coincidências

Fiz a minha estreia no teatro Sá da Bandeira no Porto com a peça “Era Uma Vez Uma Menina” em 1925, tinha 14 anos. Foi também no mesmo teatro que representei para o público pela última vez há 14 anos na peça “Aqui Há Fantasma”.

Agora estou muito feliz por esta Companhia que tanto admiro e estimo vá representar esta mesma peça.

A Carlos d’ Almeida Ribeiro e a todos que tão bem lutam pelo Teatro um carinhoso abraço da Maria Helena Matos Santana.

Maria Helena Matos Santana

2001

Texto do actor Carlos Quintas escrito para o programa deste espectáculo na versão de 2001 produzido pelo TIO

O AUTOR

Henrique Santana

Falar de Henrique Santana, o Homem, o Actor, o Encenador e o Autor, não é tarefa fácil para quem o tece como Amigo, colega, director e interpretou algumas das suas Obras.

Não é possível numa página, descrever as páginas de profissionalismo, dignidade e amor que ele escreveu com a vida.

Apenas posso citar situações, em que a cultura, a amizade, a camaradagem e o estudo permanente, eram o prazer dos seus dias e das suas noites.

O meu primeiro contacto directo do Henrique Santana, foi em 1979, quando repôs o grande êxito que tinha sido a opereta " A Invasão" em 1943, com a co-autoria de seu pai Vasco Santana. Desta vez o Henrique foi um dos adaptadores do texto para a actualidade.

Com a magistral ajuda de Maria Helena Matos, eu desempenhava o papel do oficial francês e a minha personagem foi favorecida com um belíssimo texto reinventado por ele, para final de cena. Obrigado Henrique.

Depois foi a Revista à Portuguesa. E quando digo foi, é porque foi mesmo, já não o é.

Com o desaparecimento do Henrique Santana, ruiu o último pilar da verdadeira expressão teatral popular, sem nunca deixar de estar atento ao lado didático do Teatro, por isso foi capaz de comprar todos os livros que falavam da Amazónia e das tribos indígenas que a habitavam para poder escrever um Final de Revista em que nada falhasse, desde os cabelos até aos costumes.

A autoria e as suas interpretações cómicas, críticas, jocosas ou dramáticas ficarão para sempre na memória dos portugueses quer concordem quer não. E aqui é que reside a força da Arte: se há ponto de discórdia e discussão é porque há valor. Agradecidos devem estar aqueles que se tornaram populares e amados pelo público, através da sua escrita e do seu talento.

Um Director despretensioso: uma prancha de madeira fazer de secretária colocada sobre as costas das cadeiras

da plateia, e metódico: à medida que os ensaios evoluíam a prancha recuava nas filas até os actores terem a sensação que já não precisavam da direcção.

Foi um prazer assistir a estas encenações, sentado ao lado deste Homem, bebendo a sua sabedoria até ficar ébrio de alegria e emoção. Só não aprenderam os “coirões” (como ele nos repreendia com a sua graça) que não quiseram ou não foram talhados para esta Arte.

Hoje, mais uma vez e nunca é demais, **Aqui há Fantasmas**. Que os há, há... e até se fala deles...mas quando são os do Henrique Santana, até os amamos.

Carlos Quintas

2001

Aqui Há Fantasmas

Uma comédia d'outro mundo!



TEATRO INDEPENDENTE DE OEIRAS

APRESENTA:

COMÉDIA
D'OUTRO MUNDO

8 out. a 19 dez.
2020
Sexta e Sábado
21h30

**AQUI HÁ
FANTASMAS**

M12

de Henrique Santana
Encenação de Carlos d'Almeida Ribeiro

BILHETES
À VENDA NA
TICKETLINE

Reservas bilheteira@teatrodeoeiras.com
1820 INFOS **21 440 68 78**
teatrodeoeiras.com

De 8 de Outubro | até 19 de Dezembro | 5as e 6as às 21h30 | no TIO

[Compre já o seu bilhete na Ticketline](#)

Sinopse: Um cientista, o Professor Hermes procura descobrir a origem do medo, e decide levar a efeito a experiência que anda a preparar há muito tempo: testar a pílula da coragem.

Com o conluio da inspectora da polícia Pais Neto, escolhe um pobre diabo, o Chichas, para cobaia, e promete-lhe 2.000 euros em troca de ele passar a noite numa casa senhorial que consta estar assombrada.

A viúva e proprietária da casa em questão – D. Margarida Gonçalves -fixou-se em Londres, deixando um procurador – Cardoso - como seu representante para a venda do imóvel. A história inventada pelo

procurador de que a casa está "mal ensombrada", leva este à expectativa de um negócio onde ganhará quinhentos mil euros, sem que a proprietária saiba.

Para a realização da experiência, o Professor Hermes contrata uma enfermeira – Amélia - e tem a ajuda do seu discípulo e seguidor, Dr. Branco, que se disfarça de fantasma para assustar o Chichas e testar a pilula contra o medo.

Só que há outros fantasmas lá em casa...

Texto: Henrique Santana | **Encenação e direcção de actores:** Carlos d'Almeida Ribeiro | **Assistente de produção e de encenação:** Solange Brás | **Cenografia:** Carlos d' Almeida Ribeiro | **Equipa de execução cenográfica:** Carlos d' Almeida Ribeiro, Maycon Guane; Giovanni Valada, Nuno Vilarinho Amaral, Milena Vasconcelos, Tayná Dias, Solange Brás e Rafael Maia | **Figurinos:** Solange Brás | **Mestre costureira:** Rosário Balbi | **Design gráfico:** Zé Pedro Ramos | **Fotografia:** Nuno Fernandes | **Montagem e gravação de luz:** Maycon Guane e Nuno Vilarinho Amaral | **Operação de luz:** Nuno Vilarinho Amaral | **Sonoplastia e Operação de som:** Marcelle Souza | **1º Assistente técnico:** Nuno Vilarinho Amaral | **Direcção de cena:** Tânia Monteiro | **1ª assistente de palco:** Milena Vasconcelos | **Frente de sala:** Nuno Vilarinho e Pedro Colmonero | **Direção de Produção, Reservas, Comunicação:** Pedro de Almeida Ribeiro | 70ª produção do Teatro Independente de Oeiras, Outubro a Dezembro de 2020